

**RESUMO**

Neste artigo, analisa-se quatro postagens e quatro comentários de perfis da rede social *Facebook*. O objetivo é discutir como a escrita na *web* manifesta a dialogia. Para realizar este estudo, recorre-se a interações na página *Quebrando o Tabu* acerca de temas polêmicos, como: racismo, homofobia, violência contra mulheres e drogas. As análises serão baseadas nos conceitos de interação, dialogismo, enunciado concreto e axiologia, de Bakhtin (1976, 1981, 1988, 2011) e seus interlocutores (FIORIN, 2006; KOCH, 1997; MARCURSCHI, 2008); de convergência e cultura participativa, de Jenkins (2009); de inteligência coletiva e cibercultura, de Lévy (1999, 2007); e nas contribuições de Aragão e Dias (2014) acerca das redes sociais. Conclui-se que os perfis de redes sociais elaboram enunciados responsivos e dialógicos que também evidenciam reprodução de enunciados formulados alhures e paráfrases quase literais dos enunciados de outrem, fenômeno que elide a agência e argumentação do produtor de texto na cultura digital colaborativa.

**Palavras-chave:** Discurso. Dialogismo. Redes sociais.

**ABSTRACT**

In this paper, we analyze four post and four comments from profiles in the social network Facebook. The aim is to discuss how the dialogism is manifested. Therefore, we appeal to interactions in the page *Quebrando o Tabu*, concerning to these controversial themes: racism, homophobia, violence against women and drugs. The analysis are based on Bakhtin's (1976, 1981, 1988, 2011) and his interlocutors (FIORIN, 2006; KOCH, 1997; MARCURSCHI, 2008) conceptions of interaction, dialogism, concrete statements and axiology; Jenkins' (2009) conceptions of convergence and participative culture; Lévy's (1999, 2007) discussions on collective intelligence and cyberculture and Aragão and Dias' (2014) contributions about social network. We concluded that the profiles in the social network elaborate answering and dialogical statements that show a reproduction of statements elaborated elsewhere and paraphrases almost literal of someone else statements, phenomenon that deletes the agency and argumentation in the digital and collaborative culture.

**Keywords:** Discourse. Dialogism. Social network.

**1 INTRODUÇÃO**

Para introduzir o tema deste artigo, selecionamos uma postagem da página *Quebrando o Tabu*, na rede social *Facebook*, feita no dia 12 de maio de 2021. Essa postagem consiste em um “enunciado

<sup>1</sup> Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), *Campus* Tabatinga. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Tabatinga/AM, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5318-5040>. E-mail: [claudemir.sousa@ifam.edu.br](mailto:claudemir.sousa@ifam.edu.br).

concreto”, tal como essa noção é conceituada por Bakhtin (2011). Nela, utilizam-se a paráfrase e a citação como formas de incorporação do discurso alheio (idem, 1981) em outra formulação, o que é assinalado pelo uso de aspas, para reportar a fala dos padres, e dos *hiperlinks*, visto que, pelo compartilhamento do *link* no qual a postagem original pode ser encontrada, ocorre a atribuição de autoria ao Portal Terra, no qual a matéria jornalística foi publicada no dia 10 de maio de 2021.

Figura 1 - Padres desafiam proibição e abençoam uniões homoafetivas



Fonte: *Quebrando o Tabu*, 2021

A postagem em questão, veiculada no *Facebook*, trata da atitude de padres na Alemanha, os quais desafiaram a proibição em relação à celebração do casamento entre pessoas do mesmo sexo e deram a sua bênção a esses casais. A postagem reorganiza trechos da matéria original e apresenta uma imagem da Igreja de Berlim, também pertencente ao enunciado primeiro do Portal Terra. Desse modo, a voz do autor é orquestrada por um sujeito que produz texto dialogicamente na referida rede social.

Esse enunciado possui caráter hipertextual (LÉVY, 1999) explícito, na medida em que é constituído por nós, *links* entre esses nós, indicando a passagem de um nó a outro. Por esse mecanismo, o produtor da postagem da página se torna autor, visto que reestrutura um texto pré-



existente, escolhe qual *link* usar, cria novos *links*, dá novo sentidos a eles e reinterpreta o que estava no hiperdocumento anterior.

Por se tratar de uma página que veicula conteúdo para um público mais alinhado à ideologia de esquerda e progressista, o que se constata pelo seu nome e pela natureza do conteúdo que publica, percebe-se que há um maior número de comentários favoráveis à atitude dos padres, fenômeno que atesta a existência de um efeito bolha na *internet*, já que as pessoas seguem postagens nas redes sociais alinhadas aos seus “posicionamentos axiológicos”, noção que é mobilizada aqui a partir de Bakhtin (1976).

Para nós, interessam, particularmente, os posicionamentos axiológicos que são contrários a esse e outros temas polêmicos de que trata essa página. Nesse sentido, selecionamos um dos comentários, presente na imagem anterior, no qual consta que “dois machos não se reproduzem” (QUEBRANDO O TABU, 2021, *on-line*)<sup>2</sup>. Esse enunciado é concebido como uma paráfrase de uma formulação elaborada alhures, a qual expõe um posicionamento axiológico (BAKHTIN, 1976) de condenação às relações entre pessoas do mesmo sexo, que repousa em uma interpretação das Sagradas Escrituras e também foi dita em um debate presidencial por um candidato em 2014 (YOUTUBE, 2014, *on-line*).

Ao analisar a história da sexualidade e sua relação com a interpretação do texto Bíblico, Foucault (2019) demonstra que esse tema foi regulado em torno do casamento e da reprodução com função primordial. Assim, ecos da passagem bíblica presente em Levítico, capítulo 20, versículo 13 (BÍBLIA, 2016), são acionados no comentário da postagem, demonstrando os posicionamentos de quem produz texto na *internet*.

Ocorre que, no comentário em questão, o sujeito que escreve não lança mão da fonte textual bíblica para validar o seu posicionamento axiológico. O que vemos é uma repetição que dá ao que é dito uma aparência de verdade, sem necessidade de convencer os interlocutores do porquê apresentar uma posição valorativa contrária ao enunciado em relação ao qual se faz um ato ativo-responsivo (BAKHTIN, 2011).

Esse procedimento é recorrente no processo de escrita na *internet*, tal como mostraremos ao longo deste artigo. Utilizaremos a denominação de “escrita genérica” para caracterizá-lo, na medida em que se trata de um recurso a uma frase já estabilizada e largamente utilizada para argumentar, sem

---

<sup>2</sup> Por não podermos expor os nomes dos perfis das redes sociais, adotaremos aqui como referência padrão às postagens da página e comentários a seguinte forma: QUEBRANDO O TABU, 2021, *on-line*.





articular vozes no novo enunciado dialógico, ativo e responsivo, como é esperado em um debate que se trava nas redes sociais.

Desse modo, neste artigo, analisaremos o processo de escrita na rede social *Facebook*, objetivando discutir como a dialogia se manifesta, ou seja, as distintas maneiras de se inserir as vozes de outrem no seu enunciado: se ocorre uma argumentação ou se há apenas paráfrases, repetição de formulações elaboradas alhures, como ditos populares e frases consagradas, bem como os posicionamentos axiológicos adotados nesse ato de produção textual na *internet*.

Para realizar este estudo, recorreremos a interações entre perfis de redes sociais que discutem temas polêmicos, como racismo, homofobia, violência contra a mulher e uso de drogas. A metodologia consiste em apresentar quatro postagens da página *Quebrando o Tabu* e quatro comentários que se opõem ao seu conteúdo para os analisarmos. Por questão de ética, ocultaremos os nomes dos perfis que interagem nessa página.

Já as análises desses enunciados responsivos serão feitas com base nos conceitos de linguagem como interação, dialogismo, enunciado concreto e axiologia, de Bakhtin (1976, 1981, 1988, 2011) e seus comentadores (FIORIN, 2006; KOCH, 1997; MARCUSCHI, 2008); de convergência das mídias e cultura participativa, de Jenkins (2009); de inteligência coletiva e cibercultura, de Lévy (1999, 2007); e das contribuições de Aragão e Dias (2014) acerca das redes sociais.

As discussões aqui empreendidas estão organizadas da seguinte forma: na seção que segue, discutiremos as contribuições teóricas dos autores supracitados, para tratarmos do processo de escrita na *internet* na atualidade. Em seguida, analisaremos os enunciados com base nos conceitos desses autores e, por fim, traremos as considerações finais.

## 2 APORTES TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DA ESCRITA NA *INTERNET*

Há algumas décadas, a orientação teórica de Bakhtin e do Círculo tem contribuído para o estudo da escrita em diferentes esferas de atividade (BAKHTIN, 2011). Aqueles que dialogam com suas concepções advogam que a produção textual é um processo desenvolvido no âmbito dos gêneros discursivos, os quais medeiam a vida em sociedade.

A noção de gêneros discursivos é elaborada por Bakhtin (2011) para caracterizar os enunciados concretos utilizados nos diversos campos de atividade humana. Trata-se de “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262, grifos do autor), pois estão em





constante renovação, conforme os campos de atividade humana se renovam e multiplicam. Em todos os gêneros discursivos há três elementos que os caracterizam e ligam a determinada esfera, que são o conteúdo temático (que constitui o tema do enunciado e as formas de se apresentá-lo), o estilo (o qual consiste na seleção de recursos linguísticos e na relação entre os participantes da interação discursiva) e a construção composicional (que diz respeito ao modo de estruturação do enunciado, sua figurativização), os quais constituem a arquitetura, o todo do enunciado.

É por essa razão que, para Bakhtin (2011, p. 261), os enunciados concretos são a real unidade da comunicação humana, no seu todo, e não as formas isoladas da língua, pois “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Isso significa dizer que o enunciado é parte de uma atividade linguística interativa, dialógica, ativa e responsiva. Ao elaborar um enunciado, elabora-se um prolongamento de um diálogo, uma réplica. Esta é a orientação dialógica do enunciado apontada por Bakhtin (1981), que tende a ser viva e tensa, na medida em que não se constitui apenas na concordância, podendo haver discordância, polêmica. Entretanto, essas características não são iminentes a todo e qualquer enunciado, devem ser imprimidas nele pelo autor.

Assim, dizer que o gênero discursivo é um enunciado concreto significa dizer que ele possui vínculo com a realidade concreta. No enunciado, é possível apreender atos sociais não verbais, como a avaliação axiológica que se faz de determinado tema. A linguagem possibilita apreender as marcas dos posicionamentos valorativos dos seus utilizadores, uma vez que a linguagem ganha sentido na “*interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*” (BAKHTIN, 1981, p. 123, grifos do autor). Igualmente, o leitor precisa mobilizar uma série de conhecimentos para acessar essas características impressas no enunciado pelo seu produtor, conforme Marcuschi (2008).

Essas formulações também nos possibilitam afirmar que a escrita na *internet* é uma atividade linguístico-discursiva ligada às diferentes esferas de atividade do homem, tal como essa noção é elaborada por Bakhtin (2011), visto que os gêneros discursivos se conectam a campos de atuação humana e a *internet* constitui “um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos. A *internet* contém todos os gêneros possíveis” (MARCUSCHI, 2008, p. 186). Dentre esses gêneros, as redes sociais (conceituadas ao final desta seção) são aqueles nos quais a interação humana rompe fronteiras terrestres e permite conectar pessoas distantes em torno de temas de comum interesse (ou desinteresse). Entretanto, “o virtual não ‘substitui’ o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo” (LÉVY, 1999, p. 88).





É possível criar perfis nas redes sociais para compartilhar uma infinidade de outros gêneros discursivos, nos mais distintos formatos linguísticos ou hiperdocumentos, conforme denominação de Lévy (1999). A depender da publicidade ou limitação do acesso a essas postagens, é possível que pessoas que nunca se viram possam interagir em um debate ativo e responsivo (BAKHTIN, 1988) em torno de uma temática levantada nessas redes sociais, expondo diferentes posicionamentos axiológicos.

A axiologia possibilita analisar as formas de o usuário da linguagem se posicionar em relação àquilo de que fala (tema do enunciado). Na interação por meio de enunciados concretos, há aspectos subentendidos, entre os quais a posição dos interlocutores diante do que é dito. É a isto que se denomina de “avaliação”, de axiologia ou valoração.

Bakhtin (1976) considera que as nossas avaliações sobre um dado objeto (ato que está atrelado ao tema do enunciado e que possibilita caracterizá-lo como dialógico) levam em conta mais do que os elementos verbais. Conforme esse autor, “*Juntamente com os fatores verbais, elas também abrangem a situação extra-verbal do enunciado*” (BAKHTIN, 1976, p. 4, grifos do autor), a qual consiste no horizonte comum ou “presumido”, ou seja, aquilo de que os sujeitos compartilham sobre a situação e que colabora para assegurar a compreensão entoacional do enunciado.

O que isso permite afirmar sobre a interação das pessoas nas redes sociais? É possível falar que a produção de textos nas redes sociais se faz por meio de avaliações axiológicas, que esse processo ocorre em uma cultura de convergência, a qual pressupõe a inteligência coletiva (JENKINS, 2009) e a cultura participativa na cibercultura (LÉVY, 1999; 2007) como forma de produção de texto na *internet*. Ao mesmo tempo, diferentes maneiras de manifestar opinião nas redes sociais atestam a existência de uma “escrita genérica”, a qual evidencia uma menor individualidade do produtor do texto e uma maior dispersão de vozes no seu enunciado. Explicaremos tudo isso.

Primeiramente, as mídias digitais possibilitam aos usuários da *internet* comportarem-se como consumidores de informações de forma dialógica, em um fenômeno denominado como convergência. Jenkins (2009) caracteriza a cultura da convergência pela colisão entre as novas e as velhas mídias, pelo cruzamento entre as mídias corporativas e as mídias alternativas e pela interação entre o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor. Nas suas palavras:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2009, p. 29).





A convergência não é apenas um processo tecnológico com a união de várias funções em um mesmo aparelho. É uma transformação cultural, que faz os consumidores procurarem informações e fazerem conexões entre mídias dispersas. Na cultura da convergência, tanto os conteúdos como os seus consumidores zapeiam por diferentes plataformas midiáticas, ao mesmo tempo em que a circulação desses produtos depende de estratégias empresariais e da apropriação popular. A participação do consumidor é essencial para a circulação de conteúdo.

Esse conceito de convergência relaciona-se com os de cultura participativa (JENKINS, 2009), cibercultura e de inteligência coletiva (LÉVY, 1999; 2007). A ideia de cultura participativa é a atribuição de um papel ativo ao consumidor/espectador dos meios de comunicação. O consumidor e o produtor não se separam totalmente na cultura da convergência, embora essa participação seja desigual entre os consumidores, ao mesmo tempo em que as mídias corporativas ainda exercem maior poder. Já a expressão “inteligência coletiva”, Jenkins (2009) atribui a Lévy (2007), que caracteriza o consumo como um processo coletivo, uma fonte alternativa de poder midiático.

Assim, a convergência é um fenômeno que também ocorre no cérebro dos consumidores, e não só nos aparelhos de informação. Podemos dizer que a escrita nas redes sociais apresenta um caráter coletivo e dialógico, no sentido dado por Bakhtin (1988), entre enunciados diversos: aqueles presentes (postagem da página e comentários de outros perfis), enunciados formulados alhures (dizeres lidos em outros lugares e reformulados, parafraseados ou repetidos integralmente). A convergência desses dizeres pode dar à escrita na *internet* um caráter nem sempre argumentativo e pode atestar uma menor agência na formulação de enunciado ativos e responsivos.

Assim, pode-se afirmar que, na cibercultura (LÉVY, 1999), os perfis das redes sociais promovem um fluxo de informações, uma cooperação entre os gêneros discursivos ao migrarem entre os meios de comunicação e informação para formularem debates nas redes sociais acerca de temas polêmicos, que, algumas vezes, iniciam na televisão e continuam na *internet*. Esse é o aspecto marcante da escrita dialógica na *internet* na cultura da convergência (JENKINS, 2009).

O que está sendo chamado aqui de “escrita genérica” consiste em uma forma de escrita dialógica na qual a orquestração de vozes tende mais para a reprodução literal de uma formulação alheia do que para a produção ativa e responsiva de um novo enunciado. Nesse tipo de escrita, o enunciado que resulta é uma cópia ou paráfrase de outros enunciados, sem marcas de reelaboração, sem argumentação que intente refutar opiniões de outros usuários das redes sociais e com uma estrutura geralmente curta, o que dá ao enunciado uma aparência de verdade aceita pela maioria.





Compreendendo que tal mecanismo é uma manifestação dialógica, recorremos a uma citação de Koch (1997), acerca da intertextualidade<sup>3</sup> como a relação de um texto com intertexto atribuído a um enunciador genérico. Para a autora, por esse mecanismo:

Atribuem-se a um enunciador genérico (a que Berrendonner, 1981, chama ON), enunciações que têm por origem um enunciador indeterminado, as quais fazem parte do repertório de uma comunidade, como é o caso dos provérbios e ditos populares. Ao usar um provérbio, produz-se uma “enunciação-eco” de um número limitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio, cuja verdade é garantida pelo enunciador genérico, representante da opinião geral, da “vox Populi”, do saber comum da coletividade (KOCH, 1997, p. 49-50).

Nas análises de comentários de perfis das redes sociais mostraremos de que maneira esses enunciados se apresentam, de modo a comprovar o que é dito aqui. Antes, faremos algumas considerações acerca do conceito de redes sociais para melhor caracterizar o espaço em que ocorrem as interações dialógicas de que tratamos aqui.

À parte as exaustivas retomadas históricas sobre o conceito de rede e sua polissemia (BARABÁSI, 2009; MUSSO, 2004), iremos nos ater à sua utilização para caracterizar as interações na *internet* por intermédio de *sites* especializados em conectar pessoas, oferecendo-lhes múltiplas funcionalidades.

Assim, retomando as discussões de Recuero (2009), Aragão e Dias (2014, p. 98) afirmam que “podemos definir rede social como um conjunto de relações interpessoais que vinculam (links) indivíduos (nós) com interesses mútuos”. Nesse sentido, as redes sociais são um instrumento de interação via linguagem que podem ser aplicadas aos mais variados propósitos comunicativos nas diferentes esferas de atividade humana (BAKHTIN, 2011), inclusive no campo da educação, a fim de recriar situações de uso efetivo da linguagem fora da sala de aula e estimular a habilidade argumentativa, dentro de uma concepção de aprendizagem coletiva (LÉVY, 1999) e dialógica.

Nesses ambientes virtuais, compartilham-se hiperdocumentos (LÉVY, 1999) em formatos de texto verbal, imagem, sons e vídeos. As redes sociais possuem alguns elementos formadores. O primeiro são os atores sociais, “os nós (*nodos*) da rede que moldam as estruturas sociais por meio das interações” (ARAGÃO; DIAS, 2014, p. 99), representados em perfis que projetam múltiplas

---

<sup>3</sup> Esse conceito foi elaborado por Júlia Kristeva, em uma publicação sobre Bakhtin na revista *Critique*, de 1967. Ao desenvolvê-la, Fiorin (2006) a reenvia ao conjunto de mecanismos dialógicos de incorporação da voz do outro no enunciado (discurso direto, discurso indireto, aspas, negação, paródia, estilização, polêmica clara ou velada e discurso indireto livre). Koch (1997), por seu turno, mobiliza esse conceito para compará-lo às formulações de diferentes linguistas, apontando um sentido amplo e outro restrito para tal conceito.







identidades do “eu” nas suas interações com outros perfis, ou seja, naquilo que ele compartilha, diz e mostra de si. Registre-se que o termo “usuário” costuma ser associado à interação com o sistema e “perfil” às interações interpessoais. Assim, utilizamos o termo “perfil” em lugar de “usuário” para nos referirmos aos responsáveis pelos comentários.

O segundo elemento são as conexões e laços sociais, formados a partir das interações entre os atores sociais e entre estes e as máquinas. Essas interações podem ser mais restritas (adicionar perfil, curtir conteúdo) ou mais participativas (comentar). Essas últimas permitem um uso mais efetivo da escrita na *internet*. Essas interações podem ser síncronas (simultâneas) ou assíncronas (não simultâneas). Os laços podem ser fortes, com mais intimidade, ou fracos, com interações mais difusas entre os atores sociais. Além disso, o dispositivo comunicacional (LÉVY, 1999, p. 63) é do tipo “todos-todos”.

O último elemento apontado pelos autores é o capital social, compreendido como o conjunto de recursos de que os indivíduos de um certo grupo dispõem na rede e que pode ser usufruído por todos os membros. Esses recursos podem estar ligados às relações entre indivíduos, às normas e valores do grupo e ao conhecimento comum partilhado.

Feitas tais considerações, na seção seguinte, traremos alguns enunciados das redes sociais para análise e exemplificação das noções apresentadas até o momento.

### 3 ESCRITA, INTERAÇÃO E DIALOGISMO EM COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS

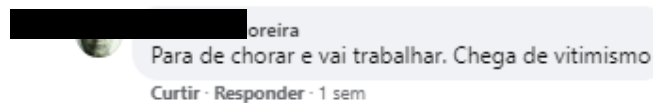
O primeiro enunciado da página em questão que apresentamos, para analisarmos o comentário de um perfil de internauta que se posiciona contrário ao conteúdo que ela veicula, trata do tema “racismo”, pondo em evidência as lutas do movimento antirracista norte americano *Black Lives Matter* (vidas negras importam).

Para iniciar as análises, caracterizaremos a estrutura dos enunciados publicados no *Facebook* dos quais trataremos aqui. Em todos eles, é possível ver o nome da página (*Quebrando o Tabu*) próximo à qual há um símbolo azul de “verificado” (selo atribuído pelo *Facebook* para atestar a autenticidade da página); uma fotografia de perfil (uma cápsula de munição, um cigarro enrolado e o nome da página em cor vermelha); a data e horário da postagem, com o símbolo de um globo, que atesta serem públicas para todos as postagens; um texto verbal explicativo da finalidade da postagem (um para cada postagem), ao final do qual podem constar *emojis* (figuras que simbolizam emoções e



atitudes), fotografias, vídeos, *links* e as reações que traduzem interações entre os usuários das redes sociais, quais sejam: amei, curtir, comentar e compartilhar, entre outras.

Figura 2 - Angela Davis



Fonte: *Quebrando o Tabu* (2021)

Na postagem anterior, o dialogismo, tal como conceituado a partir de Bakhtin (1988), está manifestado na apresentação da fala da ativista estadunidense Angela Davis, repostada da página Afrorevolt, o que é atestado pela explicitação do termo “via” seguido de uma arroba (@), citando a página que formulou esse enunciado. Em seguida, há a fotografia de Davis, em uma operação enunciativa em que o que é dito é ligado diretamente ao responsável pelo enunciado. Angela é a autoridade cuja voz atravessa o discurso da página *Quebrando o Tabu* de maneira dialógica.

Assim, tanto o enunciado de Davis quanto o da página são constituídos por um caráter do que Bakhtin (2011) chama de responsividade, de maneira tensa, à formulação segundo a qual as manifestações contra o racismo intituladas de “vidas negras importam” tentam dar maior importância aos negros em detrimento de pessoas de outras etnias.

Defensores dessa posição valorativa (BAKHTIN, 1976) acreditam ser necessário trocar o termo “negras” por “todas”, retomando uma formulação que remonta à concepção iluminista de humanidade como igual e apaga as desigualdades históricas e violações aos direitos de pessoas negras, alvo dos clamores da posição valorativa dessa postagem. Assim, esse enunciado da página *Quebrando o Tabu* reafirma a necessidade de chamar atenção para a valorização das vidas negras frente às ameaças e violências que sofrem.

Já no enunciado produzido pelo perfil de usuário, que consiste em um comentário à postagem da página, configurando-se, assim, em um novo enunciado, pode-se encontrar um posicionamento axiológico (BAKHTIN, 1976) contrário ao que a página defende, pois há um recurso a um discurso que refuta o direito de minorias sociais (negros, mulheres, LGBTQIAP+ (Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual e Panssexual), etc.) se manifestarem contra opressões.

Trata-se de um discurso de ódio<sup>4</sup>, manifesto no uso do imperativo, em que há ecos de enunciados utilizados por pessoas que compartilham das posições valorativas que refutam os direitos humanos, a exemplo do Brasil, Jair Bolsonaro, quando incitava a população a abandonar as medidas de contenção da pandemia e retornar ao trabalho (G1, 2021, *on-line*). Assim, essa produção textual na *internet* é uma forma genérica de escrita, uma vez que, ao ser elaborada, dialogicamente, recorre a enunciados que não tem um autor senão as vozes populares que o atravessam.

Esse enunciado do comentário também é atravessado por construções como “Vai trabalhar vagabundo” título de um filme de Hugo Carvana e de uma música homônima de Chico Buarque, nos quais o sujeito que é tematizado precisa abdicar dos prazeres da vida para trabalhar. Isso porque, na cultura ocidental, desde o enunciado bíblico do livro de Gênesis capítulo 3, versículo 19, em que Adão e Eva são expulsos do Paraíso, o trabalho é construído como algo negativo e oposto ao ócio. Com isso, no enunciado em questão, não se pode dizer que o produtor esteja a par disso, mas, na cultura da convergência (JENKINS, 2009), o produtor de texto na *internet* faz conexões com conteúdos dispersos em diferentes lugares e imprime os seus posicionamentos valorativos ao avaliar os temas de que fala.

Nesse sentido, a manifestação de uma inteligência coletiva também ocorre quando esse discurso pode ser encontrado em outras postagens de diferentes perfis e páginas das redes sociais, como as do já citado ex-presidente. Assim, o enunciado comentário que o perfil elabora é uma

---

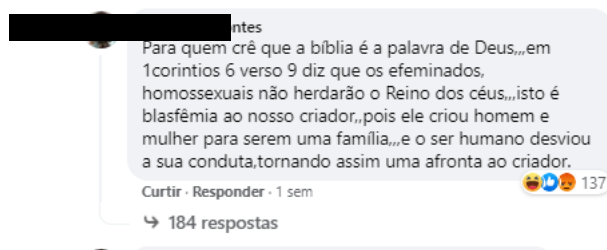
<sup>4</sup> Rebs e Ernst (2017) afirmam que o discurso de ódio tem como finalidade a violência que molda e oprime comportamentos. Ele está associado à intolerância e pode surgir “quando um sujeito não partilha do mesmo discurso de outro, quando seu pensamento não vai ao encontro destes grupos” (p. 27).



repetição de algo dito por um autor não especificado, um enunciado de ninguém. Esse caráter dialógico torna a sua escrita genérica, como o provérbio e o dito popular: não há um trabalho individual e argumentativo sobre a linguagem.

O segundo enunciado de *Quebrando o Tabu* que selecionamos trata da celebração dos 10 anos de vigência do reconhecimento da união entre casais homoafetivos pelo Supremo Tribunal Federal (STF), decisão que alterou a Lei 9.278/1996, de União Estável.

Figura 3 - União homoafetiva



Fonte: *Quebrando o Tabu* (2021)

A sua estrutura é formada pelos elementos básicos já delimitados. O texto verbal explicativo da sua finalidade é acompanhado por dois *emojis*: uma mão fechada, símbolo de luta, e um arco-íris,



símbolo da causa LGBTQIAP<sup>+</sup>. Há também um conjunto de fotos de casais homoafetivos famosos e as reações que traduzem interações entre perfis.

Esse enunciado mostra um embate entre o direito civil e as concepções religiosas, o que pode ser atestado pela disparidade naquilo que, a partir de Bakhtin (1976), chamamos de apreciação axiológica entre a forma de enquadrar esse tema na página e no comentário do perfil que selecionamos. Nesse último, há um posicionamento valorativo contrário à extensão de um direito civil a casais formados por pessoas do mesmo gênero baseado na escritura bíblica, com a qual é apresentado um diálogo explícito.

O comentário em questão lança mão do discurso de autoridade (Deus), e cita um trecho do livro primeiro (1º) de Coríntios, capítulo seis (6), versículo nove (9) (BÍBLIA, 2016), inserido sem marcas que evidenciam tratar-se de discurso direto (dois pontos, aspas, travessão, inicial maiúscula, etc.), além de recortar apenas um dos seguimentos apontados no texto original que não herdará o reino dos céus, inserindo a denominação “homossexual”, que não consta no texto citado. Por essa razão, pode-se considerar o comentário como uma paráfrase ou um discurso indireto livre da citação bíblica.

Ao utilizar a palavra da Bíblia incorporada ao próprio discurso como mecanismo dialógico para produção textual na internet, o responsável pelo perfil se enuncia como uma autoridade, fazendo evocar o dito popular de que a voz do povo é a voz de Deus. Assim, a verdade do que é dito decorre da autoridade da palavra divina dada a quem a replica para expressar um tom axiológico quanto às atitudes que dela desviam.

Por esse procedimento dialógico (BAKHTIN, 1988), é apresentada a valoração axiológica (idem, 1976) do perfil como representante da voz divina na *internet*, sem pôr a palavra divina tal qual aparece no texto bíblico, pois apenas aludir a ela bastaria para refutar qualquer argumento. Entretanto, como as redes sociais são um espaço dialógico aberto e inesgotável, há respostas e outras formas de reações a esse comentário.

Isso atesta que o enunciado em questão é apenas um elo na cadeia dialógica (BAKHTIN, 2011) de formulação de dizeres. As funções de interações assíncronas nas redes sociais (ARAGÃO; DIAS, 2014) possibilitam que essas reações se multipliquem.

Nessa produção textual, a esfera da *internet* se configura como espaço de convergência entre o dizer secular, midiaticizado na Bíblia, e o dizer do sujeito que consome e produz informação na rede social, os quais travam um debate dialógico, vivo, tenso e polêmico, com os direitos civis brasileiros da atualidade.

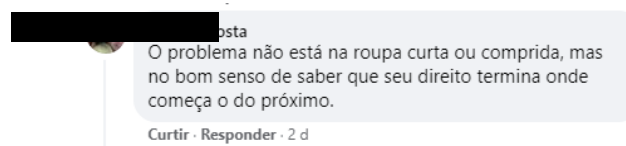


Assim, pode-se também considerar que o caráter dialógico desse enunciado está visível em sua estrutura material, nas sequências da superfície textual que evocam outros textos, mesmo que o procedimento para inserir esses textos se confundam com a palavra nova do autor. Já a apreciação valorativa evidencia a finalidade de sua produção textual na *internet*, ou seja, a vontade de dizer (BAKHTIN, 2011), a intencionalidade do responsável pelo perfil em negar o direito ao casamento aos sujeitos LGBTQIAP+.

O próximo enunciado do qual tratamos aqui é sobre uma polêmica envolvendo uma jovem, do estado do Paraná, a qual foi advertida e ofendida anonimamente por moradores de um condomínio devido ao modo de se trajar. A notícia foi publicada em portais de notícia e em outras mídias no dia 12 de maio de 2021 e nas datas seguintes.

Figura 4 - Jovem recebe carta de vizinho reclamando de sua roupa





Fonte: *Quebrando o Tabu* (2021)

O enunciado da página *Quebrando o Tabu* é estruturado a partir de paráfrases de uma matéria jornalística do portal de notícias G1, pertencente ao grupo Globo, do qual é compartilhado um *link*, atestador do caráter dialógico (BAKHTIN, 1981) da postagem e da convergência (JENKINS, 2009) entre mídias. Há um texto verbal que situa a matéria, uma imagem veiculada pelo *site* fonte, na qual consta a carta em questão e a fotografia da jovem envolvida na polêmica. Essa estrutura torna explícita a voz a partir da qual o enunciado da página é constituído dialogicamente (BAKHTIN, 1981).

Ao final do texto verbal do enunciado da página, questiona-se onde estaria o problema e afirma-se que não estaria com a vestimenta da jovem, alvo do enunciado responsivo (BAKHTIN, 2011) de um perfil, no qual o usuário retoma, de maneira explícita, a parte final do enunciado da página. Segundo o que aparece na apreciação valorativa do comentário, há um problema, mas quem produz o novo texto refuta a ideia de que a jovem tenha o direito de andar com roupas curtas e até mesmo compridas, pois divide a natureza do problema e a responsabilidade entre duas posições enunciativas.

O novo enunciado do comentário do perfil é elaborado a partir de um dito popular referente aos direitos individuais e coletivos presente no ordenamento jurídico brasileiro (Constituição Federal de 1988), segundo o qual todos são iguais em direitos perante a lei. O direito à liberdade dialoga com as formulações do filósofo inglês Herbert Spencer, segundo o qual a liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro.

Na doutrina jurídica brasileira, o direito de liberdade possui limites para a ação na convivência em sociedade. Entretanto, por se tratar de um posicionamento axiológico contrário ao que a página *Quebrando o Tabu* veicula, no comentário o que se tem é uma valoração da privação da liberdade de expressão. Isso fica latente quando se propõe que a mulher ultrapassou o direito de vizinhança ao usar determinadas roupas.

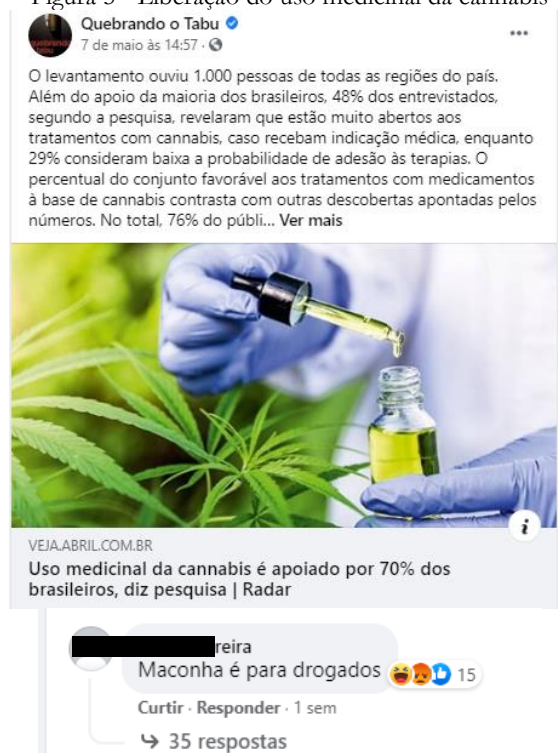
Assim, essa escrita é genérica, pois o perfil retoma um dito popular ao responder à provocação que questiona a legitimidade da reclamação das roupas usadas pela jovem. Trata-se de uma manifestação responsiva, um prolongamento de um enunciado primeiro que tensiona o que

dizem os outros perfis que interagem com a página de rede social. Para tanto, recorre-se a uma estrutura discursiva estabilizada (o dito popular), ao dizer do outro (que também é de todos e de uma voz anônima), que entra no dizer do perfil.

Portanto, essa produção textual na *internet* mobiliza textos dispersos na cultura, como aqueles da doutrina jurídica, agora transformados em ditos populares, o que atesta que, na cultura participativa, as redes sociais possibilitam aos sujeitos exercerem o poder de produzir enunciados, mesmo que em desrespeito ao direito à liberdade.

O último enunciado que analisamos trata de uma pesquisa nacional que avalia a possibilidade de adesão a um tratamento, sob indicação médica, com medicamentos à base de *cannabis*, substância presente na maconha e, por esse motivo, proibida no Brasil.

Figura 5 - Liberação do uso medicinal da cannabis



Fonte: *Quebrando o Tabu* (2021)

No nível estrutural, o enunciado combina o texto verbal explicativo da pesquisa com uma imagem de folhas de maconha, duas mãos com luvas manipulando um frasco contendo a substância em questão e as características estruturais típicas dos enunciados produzidos no *Facebook* que o caracterizam como tal, já explicadas.





No que diz respeito ao enunciado responsivo elaborado pelo perfil que visitou a página e deixou um comentário com posicionamento axiológico (BAKHTIN, 1976) contrário ao tema da formulação mencionada, trata-se de uma afirmação que desqualifica a pesquisa com base em uma opinião popular e, por essa razão, compreendida como uma escrita genérica, na medida em que não são estabelecidas relações dialógicas com enunciados que possibilitem embasá-la cientificamente.

Ao se engajar em um debate, deve haver um horizonte comum partilhado pelos sujeitos que interagem pela linguagem, que seria a compreensão sobre a pesquisa em questão dentro do espaço do discurso científico, ou seja: por que evitar um tratamento de saúde apenas em função da natureza da substância? Por que as vozes dos cientistas não devem ser ouvidas e acatadas? Entretanto, esse enunciado se pauta um discurso que traduz uma voz popular, que não tem um autor definido e que contesta a ciência, o que é atestado pelo posicionamento axiológico contrário ao uso da substância no tratamento.

A ausência dessas vozes científicas no enunciado, de estudos ou dados que tornem a afirmação plausível (o dizer aciona uma recusa, mas não explica por que se deve recusar o emprego dessa substância), restringe sua dialogicidade ao recurso a uma frase comum, partilhada pelo número percentual apontado pela pesquisa como contrário ao uso medicinal da cannabis (29%).

Assim, além de o enunciado ser estruturado pela formulação de uma escrita genérica, com posicionamentos axiológicos (BAKHTIN, 1976) destoantes dos demais perfis com os quais interagem verbalmente acerca do tema em pauta, esse perfil não apresenta foto, o que agrega o anonimato ao discurso por ele elaborado. Esse procedimento intensifica o caráter genérico do enunciado, na medida em que o produtor do texto não se responsabiliza pelo que diz, dissolvendo seu dizer na voz popular.

O que se pode arrematar sobre esses enunciados responsivos de perfis de redes sociais que interagem nas postagens da página *Quebrando o Tabu*, contrariamente à maneira como essa faz a sua apreciação valorativa dos temas que levanta? É o que mostraremos nas conclusões deste artigo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar como a dialogia se configura no processo de escrita na rede social *Facebook*, selecionamos quatro postagens da página *Quebrando o Tabu* acerca dos temas racismo, homofobia, violência contra a mulher e uso de drogas e quatro enunciados responsivos de perfis de usuários que se posicionam contrariamente às formulações dessa página.





Pela análise dos enunciados, pode-se concluir que eles veiculam posicionamentos axiológicos (BAKHTIN, 1976) contrários aos temas levantados na página em questão e atestam o caráter dialógico, colaborativo e participativo da escrita na cibercultura (LÉVY, 1999). Também evidenciam que a responsividade nem sempre é ativa e argumentativa. Em todos eles, repetem-se estruturas similares: simples, curtas e com recurso a ditos populares e frases que elidem o trabalho do autor sobre a linguagem.

A escrita na *internet*, na cultura da convergência, cultura participativa (JENKINS, 2009) e inteligência coletiva (LÉVY, 2007), não apresenta sempre um caráter criativo e dialogicamente argumentativos. Os mecanismos dialógicos aqui identificados tornam os enunciados responsivos não tão ativos assim, uma vez que neles há a reprodução de enunciados formulados alhures, paráfrases quase literais dos enunciados de outrem, que denotam pouca dialogia e a ausência de um trabalho sobre a linguagem que evidencia uma argumentação mais individual, apagando o escritor na *vox populi*.

Assim, a “inteligência coletiva” corre o risco de se diluir em “bobagem coletiva” (LÉVY, 1999, p. 57), em que se acumulam dados em forma de hiperdocumentos na *internet*, que não informam nada nos enunciados da cibercultura, em função da maneira genérica como o discurso de outrem entra no novo enunciado. Cabe-nos indagar, então, se essa falta de agência seria também uma consequência da digitalização, que faz com que o ciberespaço se torne o principal suporte de memória da humanidade<sup>5</sup>, pondo em suspensão a atividade humana de armazenar, organizar e expor informações.

Assim, a despeito dos benefícios da cibercultura (Lévy, 1999), os enunciados aqui analisados atestam uma urgência na busca de formas de utilização da *web* como ambiente propício para desenvolvimento e manifestação de habilidades de escrita mais ativa e argumentativa no processo de produção de texto na *internet*.

---

<sup>5</sup> Um exemplo disso é que números de telefones não são mais memorizados, pois o celular faz as vezes de memória numérica. Ademais, a OCDE apresentou, em conferência virtual, no dia 26 de maio de 2021, a conclusão, a partir do relatório “Leitores do século XXI: desenvolvendo habilidades de alfabetização em um mundo digital”, a conclusão de que dois terços (2/3) dos adolescentes brasileiros avaliados no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), de 2018, não sabem buscar informações na internet, visto que os testes mostraram que não conseguem distinguir fato de opinião (UOL, 2021, *on-line*).





## REFERÊNCIAS

ANARTE, E. Padres desafiam proibição e abençoam uniões homoafetivas. **Terra**, São Paulo, 10 mai. 2021. Notícias/Mundo, s/p. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/padres-desafiam-proibicao-e-abencoam-unioes-homoafetivas,9c715efe36bfb1e1b33e7471b7265c89ai20vz60.html>. Acesso em: 05 jan. 2023.

“APARELHO excretor não reproduz”, responde Levy Fidelix em debate. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (03min 09 seg). Publicado pelo canal Tvonrec4. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5NPea2dyaEA&t=29s>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ARAGÃO, R.; DIAS, I. A. Redes sociais na internet e a aprendizagem de línguas. **Revista Pontos de Interrogação**, v. 4, n. 1, p. 95-112, 2014.

BAKHTIN, M. Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.

BAKHTIN, M (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: editora da UNESP; HUCITEC, 1988.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARABÁSI, A.-L. **Linked**: a ciência dos networks. São Paulo: Leopardo Editora, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: Novo Testamento. Tradução de Padre Fábio Meira. Santa Catarina: Inove, 2016.

BONIN, R. Uso medicinal da cannabis é apoiado por 70% dos brasileiros, diz pesquisa. **Veja**, São Paulo, 05 mai. 2021. Blog Radar. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/uso-medicinal-da-cannabis-e-apoiado-por-70-dos-brasileiros-diz-pesquisa/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CARVANA, H. **Vai Trabalhar, Vagabundo!** Rio de Janeiro, 1973. 1 filme. (1h40min.).

“CHEGA de frescura, de mimimi”?: frase de Bolsonaro repercute na imprensa internacional. **G1**, Mundo, 05 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>. Acesso em: 05 jan. 2023.





CHICO BUARQUE DE HOLANDA. **Vai trabalhar, vagabundo**. Rio de Janeiro: Philips: 1976. 1 Disco de vinil (2h17m).

FILIPPIN, N. Jovem recebe carta de vizinho reclamando das roupas usadas por ela em condomínio no Paraná: “aqui não é zona”, afirma morador. Curitiba, 12 de maio de 2021. Norte e Noroeste RPC. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2021/05/12/jovem-recebe-carta-de-vizinho-reclamando-das-roupas-usadas-por-ela-em-condominio-do-parana-aqui-nao-e-zona-afirma-morador.ghml>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 4: as confissões da carne**. Edição estabelecida por Frédéric Gros. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’água Editores, 2019.

JENKINS, H. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUSSO, P. A Filosofia da Rede. In: PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 17-38.

“NATIVOS digitais” não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE. **UOL**, novos hábitos, São Paulo, 31 mai. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/bbc/2021/05/31/nativos-digitais-nao-sabem-buscar-conhecimento-na-internet-diz-ocde.htm>. Acesso em: 05 jan. 2023.

REBS, R. R.; ERNST, A. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. **Diálogo das Letras**, v. 6, n. 02, p. 24–44, 2017.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

*Artigo recebido em: 15/11/2022*

*Artigo aprovado em: 30/12/2022*

*Artigo publicado em: 08/01/2023*

#### COMO CITAR

SOUSA, C. Produção textual e dialogismo em enunciados responsivos da rede social *Facebook*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-20, e02228, 2022.

